

REVISTA QUIXOTE E A LITERATURA AFRO LATINO AMERICANA EM
“CONHEÇA A AMÉRICA, AMIGO!”, DE SÍLVIO DUNCAN.

QUIXOTE MAGAZINE AND AFRO LATIN AMERICAN LITERATURE IN "MEET
AMERICA, FRIEND!", BY SÍLVIO DUNCAN

Recebido: 06/07/2022

Aprovado: 30/07/2022

Publicado: 13/10/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i3.2988

Aline Venturini¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9382-0574>

Resumo: A presente pesquisa analisa a presença da literatura afro hispano-americana no texto “Conheça a América, amigo!”, de Sílvio Duncan, publicado na revista Quixote no.2 (1948). O ensaio de Duncan (1948) demonstra e defende um dos objetivos da produção do grupo *Quixote* e de sua revista, que é o de maior divulgação da literatura hispano-americana realizada pelos demais países latino-americanos, ao destacarem o seu desconhecimento e o maior predomínio e valorização das literaturas lusitana e francesa no Rio Grande do Sul no final da década de 1940 e início de 1950 no século XX. Neste caso, o foco do artigo é analisar como o autor defende a reivindicação de maior divulgação e conhecimento da literatura afro-latino-americana em um contexto em que a literatura eurocêntrica era mais valorizada, e, por isso, discorre as afirmações do texto em questão e expõe as ações efetuadas pelo grupo para este fim ao longo de sua trajetória. Como fundamentação crítica e teórica, nos ancoramos em Miguel de Unamuno (1913), Walsh (2012), a teoria da Educação Decolonial, e em Regina Zilbermann (1982).

Palavras-chave: revista *Quixote*; revista *Quixote*; literatura afro hispano-americana

Abstract: This research analyses the presence of Afro-Hispanic-American literature in the text "Know America, friend!" by Sílvio Duncan, published in the Quixote journal no.2 (1948). Duncan's essay (1948) demonstrates and defends one of the objectives of the production of Quixote group and its journal, which is the largest dissemination of Hispanic-American literature conducted by other Latin American countries, highlighting the lack of knowledge and the greater predominance and appreciation of Lusitanian and French literature in Rio Grande do Sul in the late 1940s and early 1950s in the 20th century. In this case, the focus of the article is to analyze how the author defends the claim for greater dissemination and knowledge of Afro-Latin American literature in a context in which Eurocentric literature was more valued, and, therefore, expatiates on the statements of the text in question and exposes the actions carried out by the group for this purpose over its trajectory. As a critical and theoretical rationale we anchored ourselves to Miguel de Unamuno (1913), Walsh (2012), the teoríc Education Decolonial, and Regina Zilbermann (1982).

Keywords: Quixote Group; Quixote Journal; Afro-Hispanic-American literature.

INTRODUÇÃO

O grupo *Quixote*, formado no final dos anos 1940 do século XX, era um grupo de jovens que ansiavam publicar suas produções, expressar-se e, principalmente,

¹ Possui graduação em LETRAS pela Universidade de Passo Fundo (2002), graduação em Letras – Língua Espanhola e suas Literaturas pela Universidade de Passo Fundo (2009), mestrado e doutorado (2019) em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura, Jorge Luís Borges, literatura brasileira, dom quixote e ideologia. E-mail: Alineventurini260780@gmail.com

combater o conservadorismo presente nas artes, na cultura, nos valores e na literatura rio-grandense. Uma de suas reivindicações era o maior conhecimento por parte da intelectualidade do estado das produções literárias e culturais latino-americanas dos demais países integrantes da América Latina, ou seja, os hispano-americanos. Dentro dessa questão, destacavam a literatura afro hispana latino-americana.

Esta presente pesquisa recorta um dos diversos textos publicados por esse grupo em sua primeira empreitada cultural, que foi a fundação da revista *Quixote*, composta por cinco números, entre os anos 1946 a 1952 do século XX. O texto escolhido para análise foi “Conheça a América, amigo”, de Sílvio Duncan, presente na revista número 2, de 1948. A escolha ocorreu pela abordagem realizada por Duncan (1948) sobre a literatura afro latino-americana, pois o autor defende que os intelectuais e o povo rio-grandense precisa conhecer e ler mais as obras hispano-americanas e, neste caso, de que essa literatura, a qual pertence á latino-americana, também é composta por obras de temática e de autores negros.

“Conheça a América, amigo!” é pertinente para o objetivo de pesquisa proposto, no sentido de que a revista *Quixote* e o autor Duncan destacam para a necessidade de incluir a literatura afro latino-americana á história e ao conjunto que compõe a literatura latino-americana, principalmente em um período em que o Rio Grande do Sul, e boa parte do Brasil também, pouco valoriza as obras de literatura afro e de autores negros, embora o movimento modernista paulista tenha começado a abordar o tema “negro” em sua produção. Por isso, é possível considerar a prática do grupo como uma tentativa de rever a literatura e sua história instituídas como cânone e também em mostrar seus autores e faces apagadas, como a presença negra. Por isso, pode-se considerar o objetivo do grupo dentro dos estudo decoloniais, pois contribuem, com suas realizações, para iluminar a literatura afro latino-americana e, sobretudo, para educar. O texto de Duncan na revista *Quixote* compõe um intento importante, especialmente no final das décadas de 1940 e início da de 1950, para dar voz e visibilidade aos autores negros. Descrevemos o “dar voz” considerando também as ações culturais do grupo, que efetivamente não só convidaram autores negros e hispano-americanos para publicar na revista *Quixote*, como também o próprio texto de Duncan (1948) aborda e reivindica que aconteça uma maior divulgação e conhecimento dessas obras no Rio Grande do Sul e Brasil, argumentando que a América e sua literatura é composta também por cultura e obras de autores negros.

Neste período, os membros do grupo *Quixote* objetivam, entre outras coisas, defender que a literatura latino-americana e também brasileira é feita por negros, índios e hispano-americanos, posto que discordavam da relevância das literaturas lusitana e francesa dada pela a intelectualidade gaúcha deste período.

Por isso, o foco deste artigo é mostrar essas ações de trazer uma maior presença dos autores negros e também enfatizar as afirmações de Duncan (1948) no texto “Conheça a América, amigo!”. O recorte objetiva apresentar esta ação como uma tentativa de rever a história da literatura e do cânone, da perspectiva vista no Rio Grande do Sul vista durante as décadas de 1940 e final de 1950, o qual é cito como excessivamente eurocêntrico, ao considerar somente a literatura lusitana e francesa.

A metodologia compreende a descrição das atividades realizadas pelo grupo para este fim e de analisar as afirmações do ensaio de Duncan (1948). Por isso, trata-se de uma abordagem bibliográfica. Sendo considerada uma tentativa, e não efetivamente uma abordagem decolonial, uma vez que essa teoria é nomeada e estudada como tal depois do período de publicação da revista *Quixote* e da atuação do grupo, a fundamentação teórica compreende os pressupostos afins às intenções efetivas dos membros. Por isso, as leituras de Miguel de Unamuno em torno dos acontecimentos na Espanha dialogam com as questões do grupo *Quixote*, principalmente no que tange à sua afirmação de que a história não é realizada pelas figuras de autoridades históricas celebradas, mas pelo povo, pela massa desconhecida ignorada pela historiografia. (UNAMUNO, 1914)

Neste sentido, os apagamentos históricos em torno da produção e da cultura negras convergem para esse intento de Unamuno (1914), que consiste em afirmar que a história não é feita pelas figuras históricas celebradas, mas por aqueles que são apagados das páginas dos jornais e dos livros de história, ou seja, dos que trabalham de sol a sol. Trazer a luz os que não são lembrados pela história e pelos jornais está entre os principais objetivos do grupo *Quixote*, que pode ser traduzido como fazer conhecer os escritores hispano-americanos e, junto com eles, a literatura afro. Isso está presente tanto nas ações quanto na expressão do grupo *Quixote*, posta principalmente no texto de Sílvio Duncan “Conheça a América, amigo!”

Por isso, este artigo inicia a apresentação do grupo *Quixote* e suas ações afirmativas no sentido de visibilizar e divulgar a produção de autores e cultura latino-

americana, especialmente a negra. Em seguida, apresenta o panorama intelectual brasileira e rio-grandense, no sentido do cânone que é valorizado. A terceira e última apresentação é a análise das afirmações da apresentação da literatura e cultura negra na América Latina.

Quem é o grupo Quixote

O grupo *Quixote* era formado, inicialmente, por estudantes de Direito da Universidade do Rio Grande do Sul, antes de ser federalizada. Composto, em sua fundação, por Raymundo Faoro, Wilson Chagas, Sílvio Duncan, Fernando Jorge Schneider, Paulo Hecker Filho, Heitor Saldanha e Vicente Moliterno, aumenta, gradativamente, após a realização da revista *Quixote* (1946-1952), durante a organização da Associação Quixote, lavrada em cartório, com os seguintes membros: os sócio-fundadores Milca Helena Levacov, Jorge César Moreira, os suplentes Joaquim Azevedo, Nathaniel Guimarães e Manoel Sarmento Barata e, posteriormente, o médico, escritor e artista plástico Pedro Geraldo Escosteguy e o escritor Fernando Castro. Essa constituição, no entanto, passou por muitas modificações ao longo de toda a atuação do grupo, iniciada em 1946 e que se estendeu até por meados dos anos 1980 do século XX. Alguns membros se distanciaram e outros vieram, como o exemplo do professor e pesquisador da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) Vítor Biasoli², o qual adentrou ao *Quixote* nos anos 80.

O principal objetivo do grupo era buscar um lugar para publicar suas realizações culturais e literárias e, principalmente, lutar contra o conservadorismo das ideias da intelectualidade gaúcha. Embora existissem autores gaúchos de relevo no país, como Érico Veríssimo e Raul Bopp, considerados mais progressistas, a maioria dos escritores ainda eram da linha simbolista e parnasiana. Por isso, os objetivos do grupo *Quixote* parecem simpatizar com o Modernismo Paulista, por assemelhar-se em alguns pontos e intentos, embora não seja o centro da ação deles, como afirma Zilbermann (1983):

² Vítor Biasoli realizou a sua dissertação de mestrado, a qual foi publicada em livro, chamada *Grupo Quixote: história e produção poética*, em 1994.

O ponto com o Modernismo é explícita na ação de Quixote, que acusa o Rio Grande do Sul de não ter sido permeável às concepções daquele movimento. A implantação do programa modernista converte-se na batalha a ser vencida pelos recém-ungidos cavaleiros, como aparece nos depoimentos emitidos nas épocas diferentes da história do grupo. (ZILBERMANN, 1983, p.12)

Os próprios escritores hispano-americanos com os quais contataram e também convidaram para participar dos seus eventos e publicar na revista Quixote eram mais modernos e progressistas. No entanto, isso não significa que o Modernismo era o objetivo final do grupo, antes disso, uma busca por liberdade estética.

É nesse sentido que sua ação é composta por várias ações. Fizeram muitas realizações, além da revista e da Associação, como duas folhas de Poesia, como *Poesia Quixote* (1955) e *O povo tem direito á poesia* (1960), eventos de poesia ilustrada na praça da Alfândega, em Porto Alegre, com a participação de artistas plásticos, uma Antologia chamada *Quixote*, em 1956. Além disso, o grupo promoveu eventos, como o Festival da Poesia, em Porto Alegre, em 1958, participa de um concurso literário na capital, para o qual escreve o romance *Apenas o verde silêncio* (1953) a “quatro mãos”, ou seja, por Sílvio Duncan, Heitor Saldanha, Joaquim Azevedo e Jorge Cezar Moreira. Os membros ganham o segundo lugar e o fato do romance ganhador possuir quatro autores gera certa confusão para a organização da disputa.

O grupo se manteve fiel aos seus objetivos ao longo de toda a sua produção, que também conta com a publicação das obras individuais dos membros, identificadas com um selo próprio. Além de combater o conservadorismo, buscavam construir um lugar para expressar-se³; desconstruir a ideia de “gaúcho monarca das coxilhas” e afirmar a imagem do “gaúcho pobre”, mestiço e peão; conceber que nenhuma teoria de concepção estética ou ideológica sobre o mundo é absolutamente suficiente, de modo que parâmetros tanto espiritualistas quanto racionalistas serviam conforme o objeto a ser interpretado ou analisado, como é o caso de pensar o trabalho, que necessita de critérios de análise materialistas e racionais ou sobre a comunidade de Canudos, a qual é caracterizada como “mística” e por isso, a razão não é adequada para explicar seu funcionamento.

³ Cunham a frase de Miguel de Unamuno como seu lema: “vamos fazer uma barbaridade”, para expressar esses dois objetivos principais, que é o de combater o conservadorismo gaúcho na cultura e nas artes e de publicarem a sua produção. A frase está presente nas capas dos cinco números da revista *Quixote*.

O objetivo focado neste presente artigo trazer à luz o conhecimento das obras dos autores hispano-americanos da América Latina, especialmente os de literatura de autores negros⁴ e de temática da cultura africana. O grupo *Quixote* considerava que o Rio Grande do Sul valorizava somente as literaturas lusitana e francesa e que precisava tomar maior conhecimento das obras realizadas por autores dos demais países latino-americanos, vizinhos ao Brasil.

O grupo *Quixote* realizou eventos de poesia, bem como também participou de outros, como as jornadas de poesia, realizadas em outros países, através das quais os membros do grupo tiveram contato com outros autores hispano-americanos, segundo Geraldo Escosteguy (1983), um dos membros do grupo Quixote, no texto “1 Festival de Poesia”, no caderno “Letras & Livros”, do jornal *Correio do Povo*, no dia 26 de março de 1983:

Reativando o intercâmbio, fomos os primeiros poetas brasileiros que compareceram às Jornadas Interamericanas de Poesia, Piriápolis, 1957. Ali mostramos o poema ilustrado, nossos livros, nossos ‘volantes’, difundindo-se, o que era típico do **Quixote**, não apenas seus poetas, mas o que melhor representavam a moderna poesia brasileira no momento. **Esse trabalho de nítida permuta cultural, tornou conhecidos no nosso meio excelentes poetas uruguaios, argentinos, bolivianos, equatorianos e chilenos. Entre muitas outras manifestações a respeito da presença do Grupo Quixote nessas Jornadas, grata é a de Jorge de Lellis, que nos atribui estender a primeira ponte entre a poesia brasileira e a dos demais países sul-americanos.** A ideia do Festival Brasileiro da Poesia, lançada no desenvolvimento dessas Jornadas, levou o grupo a ter uma sede (...). (grifo meu) (ESCOSTEGUY, 1983, p. 9)

⁴ Destacamos literatura de autores negros, porque a temática deles pode ou não, necessariamente, sobre a cultura negra, embora muitas vezes o seja.



Fig.1- Biblioteca Delfos, PUC- Espaço Geraldo Escosteguy, 2019

No próximo título, passamos para a análise do texto de Duncan “Conheça a América, amigo”, da revista Quixote 2 (1948) e da sua proposição de apresentar os escritores afro hispano-americanos e sua literatura.

Conheça a América, Amigo! e a literatura afro hispano-americana

O tema do texto “Conheça a América, amigo”, é de convocação aos intelectuais, escritores e também ao povo, para que conheça a cultura e a literatura realizadas na América Latina. Duncan (1948) inicia chamando esse leitor e afirmando que ele não conhece a América Latina, posto que considera somente os parâmetros culturais brancos e norte-americanos:

E, pobre de ti, não tens, ainda, as peças que fazem um 'business man'. Tens a admiração grandota dos que estão ausentes pelo mundo dos arranha-céus, pelas buzinas berrantes, pelo YANKEE que imaginas. A imaginação projeta, apenas, a América 'made in U.S', propaganda para turistas, arrotada pelo dólar. Não viste, até agora, as almas da Mãe América, vislumbradas por Waldo Frank, por Carleton Bealls, para citar unicamente os que vivem no norte (...)
(DUNCAN, 1948, 26)

O autor afirma que o conhecimento divulgado sobre a América Latina está muito atrelado aos Estados Unidos, utilizando, inclusive, palavras em Inglês que remetem a essa propaganda, como 'business man'; 'Yankee'; 'made in U.S'. Esses vocábulos indicam a cultura capitalista, pois 'business' significa negócio, às exportações e o próprio termo 'yankee', originado pela forma como os soldados estadunidenses eram chamados pelos capitães ingleses. Também designa os habitantes da 'Nova Inglaterra', forma como os Estados Unidos eram conhecidos enquanto colônias inglesas. Com isso, Duncan (1948) afirma que a verdadeira América corresponde a outras culturas e raças e que estas já foram lembradas e mencionadas por autores norte-americanos, como Waldo Frank e Carleton Bealls.

Os dois escritores mencionados se dedicaram a escrever romances e ensaios sobre a literatura hispano-americana. O primeiro, Waldo Frank, era escritor, professor e ativista social. Era considerado o intelectual que se debruçou em entender a literatura hispânica praticada na América Latina e de que forma esta se relacionava com a americana. Em relação à questão afro, conheceu e editou as obras de Tomer, o qual resistiu por muito tempo ser considerado um escritor negro, fato que levaram Frank e ele a brigarem.

O segundo é Carleton Bealls e foi jornalista, escritor, ativista político e historiador. Se dedicou aos temas relacionados ao homem mexicano, como nas obras *Casa no México* (1958) e *Pan América* (1940).

Duncan (1948) se referirá à cultura negra e, em parte, também indígena, no entanto, quando descrever os instrumentos, sons e elementos que compõem essas culturas:

Se escutares, quando os silêncios falam de cousas submersas. Se escutares, quando a alma estiver preparada para esses silêncios, ouvirás. Ouvirás tambores desenfreados, batendo no sangue com mil mãos. E eles estarão dizendo cousas impossíveis. E continuarão batendo esses tambores, até gritarem o último som da pele rota. Um velho feiticeiro fedendo a floresta, um macumbeiro, estará presente, mexendo em cinzas e dizendo enigmas. É o

ritmo negro que nasceu na África e batuca na América a sua dor. (grifo meu)_(DUNCAN, 1948, p.26).

O autor cita os elementos “tambores” para indicar a musicalidade que caracteriza a cultura africana e separar da eurocêntrica. Além disso, quando se refere ao “sangue” para designar a força com a qual são batidos os tambores, remete ao sofrimento que os povos africanos passaram pela escravidão ocorrida em boa parte dos países latino-americanos. “Bater o sangue com mil mãos” significa, portanto, a resistência e a tentativa de se fazer ouvir e de ter voz em um contexto cultural e social em que somente a voz do branco é considerada. O trecho grifado reforça essa ideia: “é o ritmo negro que nasceu na África e batuca na América a sua dor.” A dor física, sentida na escravidão, a do preconceito, da falta de condições e, sobretudo, da falta de representatividade e de expressão para a sua cultura e literatura. Neste caso, somente as obras de literatura eurocêntrica, ou que segue esses padrões ou só de autores brancos e de classe média são considerados como cânones e dignos para entrar na formação e na história da literatura latino-americana.

Para que a voz negra, na literatura, seja considerada e ouvida, é necessário pensar outros padrões, que não eurocêntricos. Duncan (1948) os nomeia, quando se refere às figuras importantes e mais conhecidas das religiões afro, como o feiticeiro da floresta (que também é uma figura que remete ao indígena) e a do macumbeiro.

O próprio texto de Duncan (1948) coloca a voz dos autores negros hispano-americanos, citando partes de suas poesias. São fragmentos dos seguintes autores negros e hispano-americanos: Luis Pales Mattos (porto-riquenho), Nicollás Guillén (cubano), Langston Hugues (norte-americano), Miguel N. Lira (mexicano), Max Jiménez (costariquenho). Há, contudo, também a menção a outros autores que não têm os trechos citados no ensaio, como Emilio Ballagas, Ildelfonso Pereda Valdes, Ramón Curiao, Louis Borno, Maria Belén Chacón e Claire de Lune.

Apresentaremos somente alguns dos autores negros mais citados e representativos da poesia de autoria negra latino-americana conhecidos até a década de 1950 do século XX, época da publicação da revista *Quixote*, como Luis Palos e Nicolas Guillén, e seus poemas, cujos trechos representam elementos significativos da cultura negra, no sentido de mostrar a ênfase que o autor, Duncan (1948) põe em realmente apresentar ao seu leitor a existência de uma literatura realizada por autores

hispano americanos negros e de que esta compõe a literatura latino-americana. Isso ocorre justamente para contrapor a valorização exacerbada das literaturas lusitana e francesa no Rio Grande do Sul. Mencionamos os trechos de cada um desses autores, postos por Duncan (1948), comentamos e os apresentamos.

O escritor afro latino-americano cujos trechos dos poemas são citados e que abrem o texto de Duncan (1948) são de Luis Palos. Segundo o Instituto Cervantes (2016), Palos era jornalista, ator, poeta porto riquenho. Era considerado um dos maiores expoentes da poesia afro-antilhana. São os trechos deste poeta que Duncan (1948) utiliza para ilustrar os tambores africanos:

TAMBORES...

“La noche es um criadero de tambores\ que croan en la selva\con sus roncadas gargantas de pellejo\cuando alguna fogata lo despierta\

TAMBORES...

“Esos vendrutos bichos musicales”.⁵

LUIS PALES MATOS -portoriquenho (MATOS, apud DUNCAN, 1948, p.26)

O trecho do poema de Pales destaca a tônica do texto de Duncan (1948), o qual afirma que os tambores africanos se sobressaíram na cultura latino-americana, apesar do apagamento sistemático realizado pelos brancos. No caso do texto, o esquecimento proposital provocado pelos Estados Unidos, ou Yankes. Por isso, Duncan (1948) faz o apelo ao leitor de que conheça a América, prestando atenção na cultura e, principalmente, na literatura afro latino-americana realizada pelos autores hispano-americanos, ainda considerados pouco conhecidos no Brasil e, principalmente, no Rio Grande do Sul, segundo Duncan (1948).

Outro poeta afro latino americano citado por Duncan (1948) é Nicolás Guillén. Cita seu poema para referir-se à música e também à dança africana como elementos que mais se fizeram presentes na cultura latino-americana. No caso, sendo o poeta Guillén cubano, nacionalidade cuja influência africana é fundamental na constituição dos ritmos e danças deste país: “Tu vientre sabe más que tu cabeza\ y tanto como tus

⁵ TAMBORES... A noite é um criadouro de tambores\ que soam na selva\ com suas roucas gargantas de pele\ quando algum fogo os acorda. TAMBORES... Esses vencidos bichos musicais.

muslos\ Esa\ es la flerte gracia negra\de tu cuerpo desnudo (...)" (GUILLÉN, apud DUNCAN, 1948, P.27)

A partir da menção ao poema de Guillén, Duncan (1948) relaciona a dança cubana, de raiz africana, com as demais manifestações da América Latina, inclusive brasileiras:

Toda a música negra desabou sobre o Mundo em trambolhões de metal, de rufos, de rítmicas maracas, centopéia sonora de cem pés geográficos. Labareda e fumo, canções, poemas, movimentos, roncões de cuíca- alma ventríloqua do samba, cordas pulando nas caixas de som. Passos negros vão entrando na terra, vão ganhando nome, vão ganhando cor de latitudes,- é coco, é maracatu, é candomblé, é danzón, é cumbia, é rumba, é son... (DUNCAN, 1948, p.27)

Essas manifestações mencionadas compreendem também as religiosas, como o candomblé, os costumes, como o fumo, além da música, os quais são simbolizados pelos instrumentos: "cuíca", "caixas de som", "maracas", e ritmos: "samba", "danzón", "cumbia" e "danzón". O autor afirma, com essas menções, de que a cultura, não só da América Latina, mas no mundo inteiro, sofre grande influência das culturas africanas, embora Duncan (1948) não faça uma distinção clara da variedade de culturas existentes no que ele nomeia como "africana".

Além do trecho do poema sobre a mulher africana e a dança, o autor traz a citação de outro poema de Guillén, cuja referência é a escravidão dos africanos nos Estados Unidos: "CAÑA\El negro\Junto al cañaveral\El yanqui\Sobre el cañaveral\La tierra\Bajo al cañaveral\Sangre\Se nos va! NICOLAS GUILLÉN- CUBANO"⁶ (GUILLÉN, apud DUNCAN, 1948, p.29)

Este poema, citado por Duncan (1948), se encontra na obra poemário de Guillén *Sóngoro Cosongo* (1931) e foi publicado a primeira vez no jornal *Diario de la Marina*, em 27 de julho de 1930. Versa sobre a escravidão negra nos Estados Unidos, especialmente sobre a exploração oriunda do racismo ainda muito forte e presente, mesmo após o término da escravidão, no século XX. Neste poema em especial, GUTIERRÉZ; BARBOSA (2019) destacam:

⁶ CANA\O negro junto ao canavial\o Yankee \ sobre o canavial\ a terra abaixo do canavial\sangue que nos escorre!

El lugar del negro, según el poema, ya sabemos donde es: “junto al cañaveral” y su sangre yéndose . Universalizar el valor del ser humano y darle dignidade es el objetivo de Guillén. Aunque parezca tardía esta comprensión y expresión de los sentimientos, ella no solo integra el elemento de la negritud a la nacionalidad cubana, sino que le da voz y este la utiliza para expresar lo mucho que la incomoda la estadía de los estadounidenses en Cuba y la muerte de su gente. (GUTIERRÉZ; BARBOSA, 2019, p.34)⁷

Por ser um dos principais poetas afro latino-americanos de sua geração em Cuba, justamente por tratar dos temas que tangem as questões sociais e econômicas e também de aspectos culturais afro que estão presentes na América Latina, é que Nicolas Guillén possui maior presença neste texto de Duncan (1948).

Nicolas Guillén foi um dos poetas mais influentes no que tange á expressão das culturas cubana e caribenha, principalmente sobre as questões da negritude e da mestiçagem. Além de poeta, atuou como jornalista, ativista político e advogado. De acordo com Morejón (2018), ganhou o prêmio nacional de Literatura de Cuba e é conhecido como **o poeta nacional cubano**.

Ao trazer um escritor que denuncia a condição dos negros latino-americanos nos Estados Unidos e as consequências do racismo, Duncan (1948) e o grupo *Quixote* promovem um movimento de educação cultural e literário decolonial, porque traz a face que a história apaga sobre esses povos. De acordo com Walsh (2012), este apagamento não é surpreendente, pois os agentes coloniais criaram uma narrativa convincente para fundamentar a escravidão, baseando-se nos binarismos homem\natureza e civilizados e bárbaros.

Além disso, por ser o grupo *Quixote* diretamente influenciado pelas ideias de Miguel de Unamuno, no que consiste o seu ideário de Literatura e de expressão social e ideológica, explica também a escolha pela presença dos poemas de Nicolas Guillén em *Conheça a América, Amigo!*. Segundo Morejón (2018), o poeta cubano recebeu

⁷ O lugar do negro, segundo o poema, já sabemos qual é: “junto ao canavial e seu sangue escorrendo”. Universalizar o valor do ser humano, lhe dando dignidade, é o objetivo de Guillén. Mesmo que a compreensão e a expressão dos sentimentos pareça tardia, não apenas integra os elementos da negritude e da nacionalidade cubana, como também lhes dá voz e expressa o que incomoda os norte-americanos que estão em Cuba e a morte de sua gente. (GUTIERRÉZ; BARBOSA, 2019, p.34)⁷

uma carta de Miguel de Unamuno, louvando o seu trabalho publicado em *Sóngoro Cosongo* (1931).

Esses dois escritores afro latino-americanos ganharam destaque no texto de Duncan (1948) por terem uma posição importante de representatividade em seus países e na América Latina, principalmente na abordagem da cultura de países africanos. É por isso que a iniciativa do grupo *Quixote* e de Duncan (1948), tanto de trazer a obra desses escritores, mencionando-os, quanto procurando conhecê-los e convidando-os para participar de seus eventos, é um ato de educação literária considerado decolonial, porque questiona o cânone eurocêntrico que estava instituído.

Considerações finais

Os atos do grupo *Quixote* em trazer para a revista e para os eventos os autores afro hispano-americanos podem ser vistos como parte do decolonial, conforme Walsh (2012), porque:

(...) denota, entonces, un camino de lucha continuo en el cual se puede identificar, visibilizar y alentar 'lugares' de exterioridad y construcciones alter-(nativas), prácticas teoréticas y pedagógicas de acción, caminos que en su andar enlacen lo pedagógico y lo decolonial." (WALSH, 2012, P.7)⁸

Mostrar e dar visibilidade á literatura negra não era um dos principais objetivos específicos do grupo *Quixote*, mas estava dentro de outros dois maiores, como questionar o cânone estabelecido, principalmente no questionamento da priorização das literaturas lusitana e francesa no Rio Grande do Sul; mostrar a face do povo oculta pela história, semelhante ao que Miguel de Unamuno postulou para a Espanha, em *El sentimiento trágico de la vida* (1914) e integrar-se mais á produção latino-americana cultural e literária, conhecendo e trazendo as obras dos escritores dos países vizinhos. É por isso que eles buscaram participar das Jornadas de literatura e poesia tanto em outros países latino-americanos, como em São Paulo.

O texto "Conheça a América, amigo", de Silvio Duncan, foca na apresentação dos escritores afro latino-americanos, destacando a presença influente da cultura dos países africanos na América Latina. O autor destaca pontos já muito difundidos e

⁸ (...) Denota, então, um caminho contínuo de luta no qual se identifica visualizar e motivar lugares de exterioridade e construções alter-(nativas), práticas teoréticas e pedagógicas de ação, caminhos que, em sua trajetória, ligam o pedagógico e o decolonial.

conhecidos, como a música, a dança e a dor da escravidão latino-americana, e seleciona textos, principalmente de Nicolas Guillén e de Luis Palos de Mattos que corroborem com essa visão. No entanto, é possível ver nessa ação um início de visibilidade em um contexto que a literatura afro latino-americana ainda era pouco conhecida, e valorizada, no Rio Grande do Sul. Arriscamo-nos afirmar que até em boa parte do Brasil.

Objetivo tal que o Modernismo paulista também realizou, contudo, ainda de uma forma que somente os escritores brancos se colocavam no lugar de falar sobre a cultura negra. Nesse sentido, embora a ação de Duncan (1948) e do grupo não tivesse muita repercussão e alcance, eles tentaram realmente trazer a voz dos escritores negros latino-americanos, trazendo menções aos textos deles na revista *Quixote*, convidando-os para publicar, promovendo eventos, convidando-os e se fazendo presentes também nas Jornadas de poesia realizadas em outros países hispano-americanos.

É por isso que, em sua época, no final dos anos 1940 e início da década de 1950, as ações e o texto de Sílvio Duncan “Conheça a América, amigo!”, se constitui em uma ação de educação e tentativa de desconstruir o saber instituído colonial sobre a literatura e a cultura.

Referências bibliográficas

CERVANTES. Instituto. *Luis Pales Mattos: biografia*. Disponível em: https://www.cervantes.es/bibliotecas_documentacion_espanol/creadores/pales_mattos_luis.htm. Acesso em: 18/07/2022.

DUNCAN, Sílvio. Conheça a América, amigo! *Revista Quixote* 2. Vol.1, n 2. p.26-30. Maio de 1948.

ESCOSTEGUY, Pedro Geraldo. I festival de poesia do Grupo Quixote. *Caderno Letras & livros. Correio do Povo*. Vol III, n.81. p.8-9.26/03/1983.

GUTIÉRREZ, Gerardo Enrique de Ávila; BARBOSA, Iaranda Jurema Ferreira. Rasgos Modernistas em el poema “Caña”, de Nicolas Guillén: propuesta de uma pedagogia decolonial. *Revista Encontros de Vista*. Vol.23, n 1, p.30-39. Jan\jun 2019.

MOREJÓN, Nancy. *Apunte biobibliográfico. Nicolas Guillén*. Disponível em: https://www.cervantesvirtual.com/portales/nicolas_guillen/autor_apunte/. Acesso em: 18\07\2022.

WALSH, Catherine. *Lo pedagógico e lo decolonial: entretejiendo caminos*. Querétaro: El cortito que's pa' largo esta, 2012

UNAMUNO, Miguel de. *Del sentimiento trágico de la vida*. Madrid: Renacimiento, 1914.

ZILBERMANN, Regina. *Fernando Castro e a Poesia Quixote. Material de Exposição*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1983. p. 11-20.